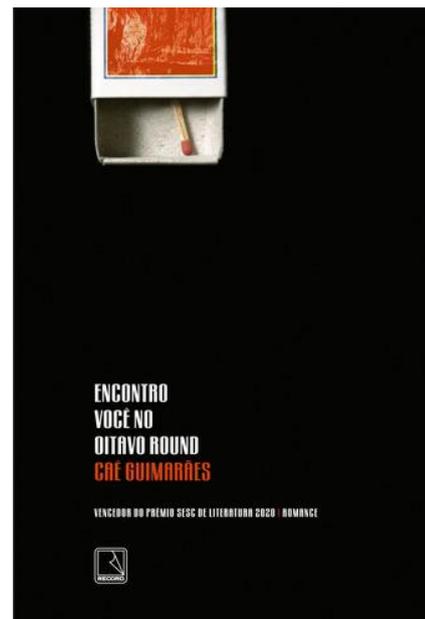


GUIMARÃES, Caê. *Encontro você no oitavo round*. Rio de Janeiro: Record, 2020.

Rodrigo Leite Caldeira*



O livro *Encontro você no oitavo round*, vencedor do Prêmio Sesc de Literatura de 2020 e finalista no Prêmio São Paulo de Literatura em 2021, é o romance de estreia do carioca Carlos Eduardo Guimarães.

* Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Nascido em 1970, Caê Guimarães, com é mais conhecido, se mudou para o Espírito Santo em 1974, onde, desde os anos 1990, participa ativamente do cenário cultural capixaba como escritor, poeta, roteirista e jornalista. É autor de três livros de poemas: *Por baixo da pele fria* (Massao Ohno, 1997; Cubert, 2013 [edição bilingue português/catalão]; Cousa, 2017), *Quando o dia nasce sujo* (Secult/ES, 2006) e *Vácuo* (Cousa, 2014); uma novela: *Entalhe final* (Massao Ohno, 1999); e um livro de crônicas: *De quando a minha rua tinha borboletas* (Secult/ES, 2010).

Encontro você no oitavo round nos apresenta a história de Cristiano Machado Amoroso, um pugilista em fim de carreira que, provocado pela curiosidade jornalística da personagem Ester Miller, retoma a atividade de escritor que, ao longo da narrativa descobrimos, havia sido trocada pela de lutador em busca de uma *vendetta*. Trata-se de um romance curto, mas que em suas 139 páginas consegue dar uma tal coerência à narrativa que ao final da leitura paira uma sensação como se tivéssemos lido um livro muito maior. Neste resultado, enxergo o peso da experiência com a escrita acumulada por Caê Guimarães ao longo dos anos, sobretudo, como roteirista. Trata-se de um livro cinematográfico. Todo ele um argumento que, me parece, resultaria em uma bela película sobre este universo do boxe e da literatura, amplamente explorado pelo cinema norte-americano e ainda carente na produção nacional. Nesse sentido, registre-se o importante filme de José Alvarenga Júnior, *10 segundos para vencer* (Globo Filmes, 2018), que levou para as telas uma obra baseada na trajetória de Eder Jofre, o primeiro pugilista brasileiro a conquistar um cinturão mundial de boxe.

Para os leitores familiarizados um pouco mais com a biografia de Caê Guimarães, é fácil encontrar os elementos do que ele tem chamado em entrevistas sobre o livro de "memórias como matéria-prima a serviço da invenção". Assim como Cristiano Machado Amoroso, o seu criador também se refugia no pugilismo e na literatura nesta luta, senão vã, dolorosa contra as misérias sociais que o cercam. Se no livro, Amoroso é o pugilista profissional que estreia na literatura contando a sua história, Caê Guimarães é o escritor profissional que com engenho dá vida

às suas memórias de pugilista amador e coloca o leitor junto com ele nos dois ringues: o da luta e o da escrita. Certamente que, nesta prosa “dedilhada como poema”, este alinhavado alcançado entre a experiência de vida de um pugilista e a experiência de um escritor, é o ponto alto desse romance que, ao meu ver, alcança, em termos ficcionais, resultado semelhante ao conquistado por Loïc Wacquant na sua experiência com o boxe e registrada no livro *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe* (Relume-Dumará, 2002).

Outra característica peculiar do romance é a divisão da narrativa em três partes. A primeira é representada em todos os capítulos pelo símbolo do infinito (∞) que, não por acaso, é um oito deitado e já conecta o leitor mais atento a uma certa ideia cíclica proposta pela narrativa; a segunda parte, chamada “A luta”, descreve, round a round, o grande evento anunciado desde o início do livro: a última luta de Cristiano Machado Amoroso. Nesta parte, Caê Guimarães, que já colocara o jornalista Norman Mailer no ringue-livro como epígrafe, lhe rende uma bela homenagem seguindo os ensinamentos do seu livro *A luta*, quando Mailer apresentou ao mundo a história da maior luta de boxe do século XX: Muhammad Ali *versus* George Foreman (Companhia das Letras, 2011); a última parte, “Pródromo”, que além do sinônimo de prefácio, nos ensina o Houaiss (2001), também significa “as primícias de um escritor, os primeiros escritos”, já dá o tom do desfecho inusitado do livro e que tende a colocar no rosto do leitor aquele sorriso cúmplice de quem acaba de descobrir um segredo.

Quero chamar a atenção para um processo fabular invertido adotado por Caê Guimarães na construção das personagens do livro. Se em uma fábula clássica as personagens são representadas por animais com características humanas, temos em *Encontro você no oitavo round* a inversão dessa lógica literária com a constante bestialização metafórica das personagens. Este recurso narrativo trouxe ao livro elementos de fina ironia, contribuindo, sobretudo, para uma crítica social que não se perde em panfletária e mantém o equilíbrio primordial das grandes obras literárias entre o ético e o estético. À guisa de exemplo, e sem comprometer, acredito, o encantamento dos futuros leitores com esse processo,

me parece oportuno evidenciar a maneira como Caê Guimarães o realiza nas descrições de Cristiano Machado Amoroso, o pugilista, e em seu antagonista Rudinho, o “gigolô que agencia suas lutas”. Ora Amoroso é descrito como um *miúra*:

Ele me toureia. Como um matador a um miúra cravado de *banderillas*. Ou o boxeador bailarino a um demolidor (p. 15).

Ora como um *peixe arisco*:

Deixar-me abater, não como um frango gordo e mole é degolado na granja. Mas como um peixe arisco é arrancado do conforto da água salgada (p. 17).

Ora como uma *aranha*:

Digo que sou uma aranha que sonha e tece teias ao redor (p. 26).

Como uma aranha burlesca finge que nada sente, quando na verdade percebe vibrar toda a extensão da sua teia, se estimulada (p. 137).

Já Rudi Verter, o Rudinho, o “merdinha” (p. 38), o “couve amarela” (p. 42), o “abscesso” (p. 43), o “homenzinho com camisa ridícula” e de “alma sebosa” (p. 44), é sempre associado aos animais com uma adjetivação que busca colocá-lo no lugar mais distante possível de qualquer empatia por parte do leitor:

Ele sibila como uma cobrinha pequena e magra, mas de veneno potente. Sabe a hora certa de dizer as coisas (p. 15).

O homenzinho se apressa com as puãs fracas, seus dedos longos fazem pinças inseguras para evitar que meu dejetos lambuze sua camisa sintética (p. 16).

A matraca ritmada coça a lateral dos lábios, um bigode fino lhe escorre na direção do queixo. (...) Parece um parente desimportante do zumbido. Ou um papagaio, sempre honesto na repetição, jamais sincero no enunciado (p. 17).

Rudinho parece mais calmo, mas sua cara de esquilo assustado me pede pelo amor de Deus que encerre tudo, que caia, ou finja cair, e não levante mais (p. 121).

Cobra, caranguejo, papagaio e esquilo. A fauna em torno de Rudinho é toda ela uma obra à parte neste romance. Caê Guimarães coloca sobre os ombros dessa personagem os elementos mais característicos da miséria humana presentes em uma sociedade alicerçada na exploração do outro. Há, portanto, na rebeldia de Cristiano Machado Amoroso — poética, enquanto escritor; violenta, enquanto lutador — um ensinamento que, longe de ser um libelo, tende a provocar no leitor rumações importantes sobre o papel de cada na engrenagem dessa máquina de moer gente. Na clássica distinção entre romance e conto atribuída a Julio Cortázar, mas que no texto “Alguns aspectos do conto” (CORTÁZAR, 2006) ele mesmo diz ser de “um escritor argentino, muito amigo do boxe”, o romance sempre ganha por pontos no combate entre o texto e o leitor, ao passo que o conto, deve ganhar por nocaute. Em *Encontro você no oitavo round*, arrisco-me a dizer, há uma junção dessas máximas: quando o leitor já se dá por vencido pelos pontos acumulados ao longo de 22 capítulos do romance, eis que surge o “Pródromo”, como um conto, “incisivo, mordente, sem trégua desde as primeiras frases” (p. 152), como sintetiza Cortázar, e nocauteia o leitor antes que ele seja salvo pelo gongo final: ding ding ding.

Referência:

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: _____. *Valise de Cronópio*. Tradução de Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 147-163.

MAILER, Norman. *A luta*. Tradução de Cláudio Weber Abramo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Tradução de Angela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

Recebida em: 7 de março de 2022.
Aprovada em: 17 de outubro de 2022.